

De um diário velho

Hoje não poderei dizer como ontem: anda um espírito comigo... E a que pretexto o dizia?

Um espírito, realmente, que me anima, que me excita e me entende.

Há dias, certos dias (sobretudo depois de uma excitação) em que esse espírito efervescente e pensador vivendo comigo e quasi estranho a mim, me ordena que vibre e que não esqueça, que fixe...

Mas hoje abandonou-me o meu espírito.

Desde há uma porção de dias que quero falar da amizade... o mais terno amor que o homem gosa. Mas acabou-me! Só me agitarão as bagatelas?

Vou falar das caricaturas e dos carros...

Ouvi agora mesmo aquele raspar violento, que lembra um sópro duro contra o chão, de um automóvel em carreira.

Nas minhas horas de silêncio, tantas! de ouvir e de entender os ruídos, aquela passagem dos automóveis impressiona-me como um sinal de tempo, de época.

O apito da fábrica desconsoa, não tem poesia nenhuma. E' o operário e são os romances secantes. E' uma vida sem mistério, sem transporte e sem furor. A própria melancolia do apito aborrece. Mas a passagem do automóvel é vida, vida incontida! Todo o ar fica agitado por elle, corre com elle.

Comecei a dar por este som numa terra estrangeira. Solitária, ouvia aquele correr dos carros e achava que o mundo se precipitava por caminhos que eu desconhecia. Tudo fugia, corria, desaparecia com o alvoroço, a pressa e a inconsciência que me faltavam...

Aqui, continuo a ouvi-los, e penso que a poesia nova dêste som só a nós nos foi dada a gozar, aos do nosso tempo.

O trotar dos cavalos, aquelas suas marteladinhas secas, o rodar dos trens, eram irritantes e pretenciosos. Só evocavam diferenças sociais, contrastes! O som do automóvel não lembra nada disso.

Mas o que me impressiona é ouvir, não ver, os automóveis. E' ouvi-los passar. Sentir que os não acompanho... Saber que o mundo é como aquele sópro, aquele varrer de estradas, rapidíssimo, detido não se sabe onde...

A certa hora da tarde, á tarde, é que eles começam a passar, a passar. Vão...

E eu cá estou para os ouvir... para os servir com a minha imaginação, a minha inveja, afinal, de sedentária, ambiciosa e indolente. Indolente! Pregada ao poste das sensações, mas incapaz

de forjar e de alimentar as belas, as fortes; incapaz de ser rajada...

//

Gostava de mudar aquelas caricaturas. Hei-de mudá-las dali, tirá-las da minha vista. Qual é a intenção da caricatura? Dar importância a pequenos factos, gradar-nos, fazer-nos rir, e pensar... achar limites: bem, mal; passado, presente; oportuno, ca-tiuco, etc.

Pois toda essa intenção, essa boa intenção da caricatura, me pesa!

Basta de moral!

Para que é que aquele me ensina a julgar, e com aquele arzinho boêmio, de crítico sem cuidados?

Esta caricatura deplora o que trabalha, aquela o pobre, aquela o sonhador, aquela o inválido...

Só a do inválido me interessa. E não pelas oposições, aliás curiosas, entre o mundo do inválido e o dos outros.

E' pelo ha'lo de caridade e de isolamento aberto á roda dele. E também pelos dois lindos barrões pretos dos seus olhos. O artista tanto quiz pintar olhos como óculos. Mas os seus dois barrões só dizem cegueira, irremediável e feliz cegueira.

Um dia veio... há pouco tempo, em que lancei os olhos para todas estas caricaturas e me pareceram enfadonhas. Sobretudo pelo desafeto da sua charge, das suas intenções.

E a minha revolta contra elas significa:

Quem quizer, que me mostre o mundo, mas que seja desinteressado!

Tão difícil, tão impossível, tal desinteresse...

Mas também é justo, respeitável, o meu desejo de independência.

Não quero chorar nem rir em missão com todo e qualquer.

Todo e qualquer! Amargo mundo... de que desdenho, illusóriamente só! Porque o seu desdem e a sua crueldade, a sua mortal indiferença, o seu esque-

cimento de mim, é que me torturam.

As caricaturas ali estão...

E o remêso que lhes faço é uma parvoíce.

//

Pensei em Diógenes esta manhã.

O meu Diógenes desta manhã era eu própria. Cada um podia ser o seu Diógenes, procurar em si o seu homem, a sua recôndita, nobre espécie...

Pega-se na famosa candeia e dá-se com ela para um lado e para o outro. Primeiro só se vêem trevas, trevas...

Pousamos a candeia. Uns desinteressados, outros cansados; impressões próximas. A treva não se ilumina!

Levanta-se de novo a candeia. Há um bicho roedor que nos pica... Levanta-se a candeia e as trevas continuam a afrontá-la, parece que se precipitam para ella. Mas de súbito damos um grito. A candeia até vacilou, ia-se quasi apagando.

O morrão tinha-se ateadado e nós julgáramos ver... Ver! Dentro de nós mesmos... E não vimos nada. Tudo era confuso, confuso, confuso.

Confinam entre si, mas batem-se e atropelam-se os estados do nosso espirito! E nós julgamos sossegar, alcançar a paz, entendendo-se, sem que nunca os entendamos.

Pousamos por fim a candeia, e desistimos. Onde estava o que procurávamos, e que é que procurávamos? Razões!

Continuamente as andamos procurando, ou forjando, e elas escapando-nos e inutilizando-se sempre.

Hoje lá nos chega um rasgão de luz, um indicio de certeza: outro amanhã... e logo de súbito se desvanecem!

Sempre trevas, trevas.

Nem conhecermo-nos, acharmo-nos, nos consola. Só e sempre a sensação, o meio conhecimento...

E se ainda fôsse a boa, a grata sensação!

JOÃO FALCO.

Sobre o pintor Ventura Porfírio

(Continuação da página anterior)

Nessa homestidade, nessa severidade para consigo próprio do trabalhador incansável, no seu escrúpulo, esperemos que os árbitros do meu destino abrindo um pouco os olhos, demasiado fixos nos próprios defeitos, por elles arvorados em dogma—acabem por descobrir qualidades dignas de respeito e de estímulo, que não de censura. Mas não será esperar de-mais?...

Queremos crêr que os trabalhos de Ventura Porfírio serão

finalmente mostrados ao público —esse público que, não sei se os que concedem as bolsas de estudo o saberão é quem dá o dinheiro que elles distribuem, e, em minha modestíssima opinião, tem o direito de querer saber se foi bem aplicado. E é tanto mais de desejar que os trabalhos de Ventura Porfírio sejam expostos, quanto é um facto que, desta vez, a bolsa não podia ter sido mais bem empregada, como o público verá —digo: o público que não é cego.